

SOTAQUES QUE CONTAM HISTÓRIAS: A ORALIDADE NORDESTINA COMO EXPRESSÃO DE IDENTIDADE E TERRITÓRIO

Autor 1¹

Maria Letícia Souza Anjos

(estudante de graduação em B. em Jornalismo - UFRN)

leticia.souza.123@ufrn.edu.br

Autor 2²

Fátima Aparecida Pinheiro Gonçalves

estudante de graduação em L. em Geografia - UFRN

fatima.pinheiro.709@ufrn.edu.br

Autor 3³

Vinícius de Oliveira Germano

estudante de graduação em L. em Geografia - UFRN

vinicius.oliveira.127@ufrn.edu.br

Autor 4⁴

Eduardo Teixeira da Silva

estudante de graduação em L. em Geografia - UFRN

eduardo.teixeira.017@ufrn.edu.br

Autor 5⁵

Maria Clara Liberato Guedes

estudante de graduação em L. em Geografia - UFRN

maria.guedes.016@ufrn.edu.br

RESUMO

O artigo busca compreender como o sistema linguístico nordestino se manifesta em suas dimensões imaterial e material, sendo expressão de identidade cultural e construção territorial. A partir de uma perspectiva da Geografia Cultural, analisa-se como os sotaques, expressões e variações linguísticas do Nordeste brasileiro refletem e constroem paisagens culturais marcadas pela resistência à homogeneização imposta por discursos midiáticos e padrões nacionais. Com abordagem qualitativa, a pesquisa baseia-se em levantamento bibliográfico e estudo de caso com entrevistas realizadas em campo, especialmente em cidades como Recife e Natal, evidenciando a oralidade e a linguagem como instrumentos de pertencimento e afirmação identitária.

PALAVRAS-CHAVE: Sistema linguístico; Identidade cultural; Variação linguística; Nordeste; Geografia cultural.

GT 03: Espaço, Cultura e Turismo

1. INTRODUÇÃO

Desde os tempos mais remotos, a linguagem manifesta-se como expressão fundamental da cultura humana, capaz de configurar espaços, histórias e identidades. O ser humano, sujeito territorializado e histórico, carrega em sua oralidade marcas de pertencimento que se constituem por meio de vivências, influências e resistências. De acordo com Vitti (2024), a língua e a cultura são elementos indissociáveis da constituição identitária, visto que ambas possibilitam a transmissão de saberes, tradições e modos de vida.

Por ser caracterizada como um elemento constituinte de uma nação, a língua e a linguagem estruturam a construção de uma identidade, inserindo marcas ou traços singulares em seus povos. Santana (2012) afirma que apesar dessa configuração nos diferentes espaços geográficos, as expressões, gestos, locuções e sotaques são peculiares e, isso, devido ao contexto geo-histórico que caracteriza a língua, por sua vez influenciada por distintos contextos regionais.

No Brasil, embora a Língua Portuguesa seja o idioma oficial em todo o território nacional, a diversidade linguística regional chama a atenção, sobretudo na Região Nordeste, onde os sotaques, expressões e vocabulários regionais demonstram uma intensa ligação com o lugar. Santos (2000) discorre que a construção de uma cultura local, nesse caso, particular de um lugar, se constrói pela territorialidade e no cotidiano, fatores que dizem sobre a resistência associada à integração social, cultural e identitária.

Dentro dessa conjuntura, o presente artigo delimitou a região Nordeste como recorte espacial, uma vez que a diversidade do sistema linguístico caracteriza essa Região com sotaques, expressões e variações em sua imaterialidade e materialidade. Parte-se, assim, da compreensão da linguagem como forma de resistência e reafirmação identitária, onde a oralidade popular atua como instrumento de valorização das singularidades regionais, configurando o Nordeste como um território de vozes plurais e histórias contadas pela força das expressões populares.

Nesse contexto, esse trabalho busca compreender como o modo de falar, os sotaques, as expressões e o vocabulário da oralidade nordestina representam não apenas um patrimônio imaterial, mas também uma fonte de afirmação identitária e territorial. Em tempos de crescente padronização cultural promovida pelos meios de comunicação e pelas dinâmicas da globalização, as expressões populares nordestinas são parte de um movimento de resistência simbólica

Desse modo, para alcançar os objetivos propostos, o artigo se estrutura em introdução, metodologia, desenvolvimento, discussões e conclusão. A princípio, atribuímos a metodologia de caráter qualitativo, guiada por uma revisão bibliográfica e entrevista de campo. Ao decorrer, introduzimos a discussão sobre a diversidade linguística e a linguagem como marca de identidade e resistência no Nordeste, desenvolvendo a linguagem como paisagem cultural, incluindo a influência dos povos indígenas na formação do sistema linguístico regional. Por fim, são apresentados os resultados e investigações obtidas a partir das entrevistas realizadas, finalizando com a conclusão e reflexões sobre o papel da linguagem na construção do território e da identidade nordestina.

2. METODOLOGIA

A metodologia adotada neste artigo ancora-se na abordagem qualitativa, com o objetivo de compreender os elementos simbólicos e culturais que atravessam o sistema linguístico nordestino. Com base em uma leitura geo-histórica da linguagem e suas expressões territoriais, o estudo recorreu à revisão bibliográfica e à pesquisa de campo. Dentro dos métodos utilizados, a leitura teórica permitiu a construção de um arcabouço conceitual sobre linguagem, identidade e território, quanto às entrevistas, a ação permitiu identificar traços fonéticos, vocabulários e expressões que marcam a oralidade local, bem como as percepções dos próprios sujeitos acerca da identidade linguística e do preconceito sofrido por conta do sotaque.

Esse recorte empírico possibilitou entender a linguagem como um artefato cultural vivo, que se materializa na oralidade da experiência cotidiana. Essa aproximação entre teoria e empiria, evidenciou como o modo de falar, longe de ser apenas uma forma de comunicação, revela-se um instrumento de resistência frente à invisibilização de identidades promovida pelos discursos hegemônicos e pela representação estigmatizada da figura do nordestino na mídia nacional.

3. A LINGUAGEM COMO CONSTRUÇÃO DO LUGAR E MARCA DE IDENTIDADE

A língua é um patrimônio do ser humano, este que historicamente se comunica, permitindo a interação entre os indivíduos e que passa seus conhecimentos a partir da própria linguagem. O conceito de territorialidade, seria a forma como o homem se apropria e molda o espaço, neste caso em específico da língua e as expressões populares são consideradas ferramentas de territorialidades, de resistência da cultura de determinado lugar, com sua própria

configuração e estruturação, características e variações. Segundo Vitti (2024), a identidade do sujeito é construída por meio da língua, da linguagem e da cultura; assim, língua, linguagem, cultura e identidade são conceitos intrinsecamente ligados.

A linguagem estaria meramente associada com o suceder de costumes e crenças, onde a mesma existe mesmo antes de nascermos e estamos cotidianamente integrados na comunicação, os indivíduos ali inseridos são influenciados por certos fatores dominantes da cultura e estão integrados no modo de falar, de se expressar e, principalmente nas variações linguísticas que existem de região em região, sendo necessário entender o contexto geo-histórico da formação de tal localidade.

Nesse contexto, o território brasileiro, devido à sua vasta extensão geográfica e à diversidade cultural, é marcado por variações linguísticas significativas, especialmente no que se refere aos sotaques regionais. Sendo assim, ao falar sobre as variações linguísticas no Brasil, é imprescindível que se entenda a importância da riqueza fonética, no reconhecimento dos sotaques como patrimônio cultural na formação histórica do país, uma vez que essa diversidade se faz através da influência e mistura de povos que contribuíram para a pluralidade cultural advinda desde a colonização até os dias atuais.

A Região Nordeste, sobretudo, manifesta-se como um espaço onde o regionalismo e a cultura se mostram mais intensos, resultado de um processo histórico singular marcado por resistências, miscigenação e forte enraizamento identitário. A força cultural nordestina se expressa, sobretudo, pela valorização das tradições locais, dos modos de vida e das formas de fala que resistem ao apagamento promovido por uma ideia de nação homogênea. Essa resistência se traduz em uma intensa riqueza linguística, marcada por expressões populares, gírias e sotaques característicos que carregam elementos históricos e identitários profundamente enraizados.

O regionalismo, nesse contexto, não apenas preserva, mas potencializa a língua como um instrumento de pertencimento e afirmação cultural. Desse modo, a identidade cultural diz respeito a como um indivíduo sente-se diante de algo, os processos de identificação com a língua, o lugar, símbolos, histórias em comum e tantas outras coisas, estas que caracterizam e diferenciam determinados locais a partir do contexto cultural e social. Neste sentido, se forma um aparato de elementos que juntos constituem uma identidade, no qual a cultura e a língua estão interligadas.

Nesse caso, tratando-se do Nordeste, esses componentes se manifestam intrinsecamente “por meio de manifestações que envolvem a música, a culinária, o artesanato, as festas e celebrações religiosas, dentre uma multiplicidade de exemplos que poderiam ser relacionados” (MORAIS; DANTAS, 2006). Logo, a cultura e a língua são indissociáveis quanto a identidade individual e coletiva, possuindo grande importância no que diz respeito à passagem da história de seu povo, de seus hábitos, costumes, conhecimentos e propriamente o advir da cultura.

Portanto, é a partir dessa conjuntura que a região Nordeste garante sua identidade e autenticidade. Ao reafirmar suas formas de expressão, a região não apenas mantém viva a memória de seus povos, como também fortalece a identidade local frente às influências externas, mostrando que a linguagem é, acima de tudo, um território simbólico de resistência e pertencimento mesmo em uma conjuntura exposta a uma homogeneidade.

Nesse viés, Milton Santos (2006, p. 213) evidencia o conceito da glocalidade, ou seja, a relação entre o local e o global, exemplificando que, “uma maior globalidade, corresponde uma maior individualidade”, assim, ele refere-se que apesar da individualidade do sujeito ou de uma determinada comunidade, a globalização acaba influenciando culturas e práticas locais vivenciadas pelos mesmos, destacando que (2006, p 218) “a localidade se opõe à globalidade, mas também se confunde com ela.”

3.1 A LINGUAGEM ENQUANTO PAISAGEM CULTURAL

Na Geografia esse aspecto surge como parte da subjetividade, categoria essa, que adquiriu suporte apenas no final do século XIX através da “Virada Cultural”, que contribuiu para com que o aspecto da subjetividade fosse mediador na análise do espaço geográfico e da sociedade. Sendo assim, a coexistência entre o ser humano e a cultura põe em prática a importância e a complexidade da cultura como um elemento central na compreensão das relações homem-meio.

Nos símbolos, signos e códigos culturais, a língua e a linguagem se tornam indissociáveis, ao mesmo que são fortemente afetadas por processos históricos e sociais, ou seja, denomina-se essas figuras como articuladoras da construção de uma “paisagem cultural” visto que a suscetibilidade a influências, proporciona em sua composição transformações e interações culturais.

Sendo assim, a cultura fomenta a construção dessa “paisagem” através dos elementos culturais que se manifestam como objetos na produção do espaço, junto às experiências humanas que são fundamentais para entender como o espaço é vivido e significado. Nessa perspectiva, essa conjuntura possui a linguagem como artefato predominante em sua alteração, que do mesmo modo que impõe novas dinâmicas, criam redes de significados marcados por uma representação identitária.

Desse modo, partindo do pressuposto de que tanto a cultura quanto a paisagem são contingentes e, portanto, suscetíveis a influências, o sistema de linguístico do Brasil, sobretudo, o do Nordeste revela uma multiplicidade de histórias e geografias proveniente das regiões e dos povos que habitaram esses espaços ao longo da história da nação brasileira.

Assim, como afirma Santana (2012): “No Brasil, colonizado pelos portugueses, foi implantada e predomina a língua dos colonizadores, o português, idioma oficial e dominante em nosso território”. Além desse contexto, a migração manifesta-se como influente na formação do sistema linguístico do País e na construção da paisagem cultural, uma vez que cada sujeito carrega em si suas histórias e vivências, ou seja, a corporeidade produz e re(produz) as identidades e as particularidades que se criam no sentimento de pertencimento.

A migração, nesse sentido, não só adiciona novas camadas culturais e linguísticas ao Brasil, mas também traz consigo histórias, práticas e modos de ser que se fundiram no contexto brasileiro, criando um complexo mosaico de identidades. Isso implica que, embora o português seja uma língua dominante, ele é constantemente modificado, adaptado e ressignificado por diferentes grupos sociais e culturais, resultando em uma diversidade linguística e cultural rica, dinâmica e profundamente enraizada nas experiências territoriais locais.

Logo, põe-se em evidência a diversidade do sistema linguístico dessa região Nordeste na materialização da dinamização da construção da “paisagem cultural” como artefato vivo e abastado de experiências e significados que impulsionam para criar a força do lugar e, ao mesmo tempo, a identidade daquele território.

3.2 O SISTEMA LINGUÍSTICO NA SUA (I)MATERIALIDADE: UM ESTUDO DE CASO

A Região Nordeste, historicamente, foi pensada e idealizada como uma “região problema” e sendo alvo de preconceitos regionais, alguns autores como Albuquerque(2012) discutem e abordam essa temática, trazendo reflexões acerca dessa discriminação geográfica e de lugar, onde sempre se é relacionando a imagem da região com as grandes secas e questões naturais dessa parcela do território brasileiro, deixando-se de lado toda uma construção de identidade e territorial.

Embora seja um estereótipo que é alimentado durante tantas décadas, a forma como sempre se visualizou o Nordeste atrapalha e perpassa o discurso de “região problema” ainda nos dias atuais, sendo considerada apenas a ideia de que o povo nordestino é sofredor e está em constantes necessidades, o que é uma visão errônea e que é alimentando nos meios de comunicação de massa.

Essa região do território brasileiro costuma ser associada apenas à seca e à pobreza, mas é, acima de tudo, um lugar habitado por pessoas com uma identidade forte, que estão intrinsecamente habituados às influências naturais, onde aprenderam a lidar com a própria seca e a viver bem, enfatizando principalmente a sua fé como propulsora da força que o povo nordestino possui. O Nordeste vai muito além do semiárido: é um território diverso, composto por realidades sociais distintas, configurações geográficas variadas e uma grande riqueza cultural. Cada estado nordestino carrega costumes próprios e contribui de forma única para a pluralidade dessa região.

Muitas obras evidenciam os personagens expostos ao ridículo, trazendo uma ideia de piada ao se falar da maneira particular regional. Algumas novelas brasileiras ultimamente têm estereotipado, algumas Emissoras como a Globo representam em suas novelas o nordeste de forma equivocada, onde atores de diferentes regiões representavam o povo nordestino estereotipado, utilizava de efeitos visuais para deixar o cenário alaranjado e com aspecto quente, o “ser nordestino” representando apenas o sertão, seca, pobreza e desigualdade, excluindo toda a riqueza do Nordeste, sua cultura, sua fé, sua reinvenção, sua originalidade, seu folclore, seus elementos e principalmente sua comunicação tão original.

Em contrapartida, temos autores como Ariano Suassuna que possui obras diversas retratando o povo dessa região, buscando mostrar a “esperteza” do homem e criticar também a desigualdade presente, mas não evidenciando as causas naturais e sim a forma como é disposto os recursos econômicos para aquela porção do Brasil, dentro do contexto histórico que foi elaborada as obras, como “O auto da compadecida”, além do mesmo ser pioneiro no Movimento

Armorial que foi importantíssimo para a valorização da cultura nordestina, enaltecendo elementos e sonoridades da identidade regional, segundo Dozena (2021). Outros autores que são do Nordeste e trazem essa ludicidade e vivências na representação nordestina são Jorge Amado e Rachel de Queiroz, com obras como “Dona flor e seus dois maridos” que explora a riqueza cultural da Bahia e “O quinze” que retrata a seca e seus efeitos devastadores sobre o nordeste, respectivamente.

Todavia, o Nordeste manifesta-se como referência no que diz respeito a originalidade, com destaque a sua culinária, religiosidade, eventos culturais com raízes no forró, como as quadrilhas e personalidades bem conhecidas como o escritor Ariano Suassuna, os cantores Djavan, Luiz Gonzaga, Ivete Sangalo, também bandas fundadas na Região como Graffiti e Calcinha Preta etc, a questão da identidade, que faz o Nordeste “diferente” das demais regiões, por sua cultura local e sua especificidade, principalmente pela sua capacidade de se reinventar. A música, cordel, filmes, literatura e diferentes formas de expressões culturais, demonstram como a identidade nordestina é potente, produzindo um sistema linguístico único e diversificado.

A exemplo de resistência e personalidade no âmbito cultural, o que mais diferencia o povo nordestino do restante do país são suas expressões populares e variações linguísticas, esta que é originada a partir de influências indígenas, africanas e europeias se tornando marcante na região, contribuindo para a sua riqueza da identidade regional. Mesmo sendo uma só região, possui diversas variações linguísticas, culturais e identitárias, isso devido a sua extensão e a forma como foi ocupada cada área, levando em consideração as influências na formação do território que moldaram a cultura dos povos que habitam cada Estado, tornando cada caso particular e único. A variação entre os Estados, por exemplo, Pernambuco vai apresentar, “puxando” mais a letra “s” e “x” nas palavras, “chiando”, e outros terão a fonética mais forte e enfatizada, como Natal, foi perceptível durante a pesquisa realizada em campo, em entrevistas com pessoas de Pernambuco e Natal, conseguindo comparar a variação linguística dos dois estados.

A partir de uma aproximação da realidade e do cotidiano a distinção entre os vários Estados, tanto no que diz respeito a pronúncia, variação linguística e sotaque. Como método de estudo e de pesquisa, utilizou-se a abordagem qualitativa nas coletas de informações acerca do tema, onde foram observados pontos cruciais em entrevistas realizadas em campo, este que necessitou de dois recortes, entrevistas realizadas com pessoas do Estado de Pernambuco, mais

especificamente a cidade do Recife e o Estado do Rio Grande do Norte, os dois foram cruciais para pontos de comparação entre dialetos e expressões populares.

A primeira entrevista foi realizada com uma Pernambucana, foi possível notar a presença de seu sotaque forte e arrastado, com a presença do “chiado”. A entrevistada, que denominamos “Cida”, é vendedora ambulante na praia de Boa Viagem, Recife, e convive com pessoas de diferentes regiões do país, percebendo a mudança do sotaque, e o preconceito na forma como o nordestino se comunica, com várias gírias carregadas de muito significado, foi questionada exclusivamente sobre como os turistas reagem no cotidiano com essas variações linguísticas, disse não perceber de forma explícita o preconceito, mas que já notou alguns tratamentos, pois a mesma já residiu no Estado Potiguar.

Em meio a conversa a entrevistada soltou algumas expressões que ela destaca como característica da região, tais como: Oxe, Miséra, Pirraia, Corno e Lavarar, ainda ressaltou pela sua experiência no Rio Grande do Norte, ela percebe e compara a variação de sotaques do Rio Grande do Norte e Pernambuco, a mesma relatou suas vivências no RN e a forma como as pessoas falavam, ela conclui que as gírias e expressões que já presenciou ao residir no Estado do Rio Grande do Norte são bem específicas, como “boy” para se referir a meninas ou meninos(minha boy, por exemplo), “galado”, o mesmo uso do “oxe” e como o sotaque interiorano se diferencia da capital, isso tanto no RN quanto em PE.

A segunda entrevista também foi aplicada com uma pessoa do Estado de Pernambuco, codinome “Maria Olga”, esta que é natural de Natal e mora a 40 anos em Pernambuco, mas precisamente na cidade de Olinda. Maria Olga aponta alguns pontos que acha interessante e diferentes entre as expressões e variações entre o Estado de Pernambuco e Rio Grande do Norte, durante a entrevista foi possível notar o quanto o sotaque pernambucano é carregado, evidenciando a força e cultura original que aquele povo possui, ao decorrer da entrevista Olga falou algumas gírias presentes na região como: Oxente, pia, Tendesse e Poxa e afirmou que percebe a variação dos dois estados, principalmente pelo fato de conhecer Natal e notar a diferenciação do sotaque, evidenciando a pronúncia utilizando mais a letra “s” e “x” em pernambuco.

A terceira entrevista ocorreu no Estado do Rio Grande do Norte, o entrevistado denominamos de “Paulo”, o potiguar é natural do Estado, mais especificamente da cidade de São José do Mipibu. Paulo percebe uma cultura mais materialmente próxima do povo pernambucano, onde possuem vários locais que há a valorização da história e de como ocorreu

a formação do Estado, já em Natal há uma cultura viva e presente, porém o povo não é tão instigado a conviver com a mesma, sendo na imaterialidade mais vivida que o potiguar possui, uma das maiores características são as expressões já citadas acima e conhecidas em qualquer parte do Estado, principalmente na capital. Ainda ressalta como o tratamento das pessoas se diferencia entre o interior e cidades mais próximas da capital ou litoral, possuindo um maior “respeito” com pessoas mais velhas, como destacou o próprio, ou que tenham algum emprego que possua status mais elevado.

4. CONCLUSÃO

O sistema linguístico nordestino vai além de uma simples forma de comunicação: ele é expressão viva de territorialidade, resistência e pertencimento. As variações fonéticas, os vocabulários regionais e a força da oralidade compõem uma paisagem cultural que se opõe aos processos de padronização impostos por discursos midiáticos e institucionais. Através da Geografia Cultural, evidenciou-se que a linguagem assume papel central na construção simbólica do lugar, atuando como artefato de memória e identidade coletiva.

As entrevistas realizadas e o levantamento bibliográfico permitiram perceber como o falar nordestino, mesmo alvo de estigmas e preconceitos, carrega em si um poder de afirmação cultural que ressignifica o território e valoriza suas múltiplas vivências. O sotaque, as expressões e os gestos da oralidade não apenas diferenciam o Nordeste dentro do Brasil, mas revelam sua riqueza histórica e pluralidade, mostrando que cada palavra dita carrega um mundo de sentidos e pertencimentos.

É imprescindível que o trabalho de campo esteja ligado a Geografia Humana, principalmente em trabalhos como este, isso pois o pesquisador em geografia humana parte da observação, mas não somente do que é visto pelos seus olhos, também entendendo toda a dinâmica por trás dos fenômenos de agrupamentos humanos, cultura, regionalização etc, além da pesquisa pelas pessoas que vivenciam tais realidades e podem contribuir para o campo, segundo Claval(2013).

Assim, conclui-se que a linguagem no Nordeste é tanto material quanto imaterial: ela molda o espaço e é moldada por ele, sendo reflexo das dinâmicas sociais, históricas e culturais que atravessam a região. Reafirmar e valorizar essa diversidade linguística é também resistir à invisibilização e promover uma compreensão mais justa e abrangente do que é ser nordestino — um sujeito de fala, cultura e identidade singulares.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ana Francisca; FURLANETO, Beatriz; AUGUSTO, Carlos; DUARTE, Miguel. **Geografias culturais da música, do som e do silêncio. Capítulo: *O ser (tão) musical nordestino: experiências armoriais.*** Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/71821>>. Acesso em: 25 maio. 2025.

Albuquerque Júnior, D. M. **A invenção do nordeste e outras artes** / Durval Muniz de Albuquerque Júnior ; prefácio de Margareth Rago. — 5. ed. — São Paulo : Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia. São Paulo: Cortez, 2012.

CLAVAL, Paul. O papel do trabalho de campo na geografia, das epistemologias da curiosidade às do desejo. **Confins. Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia**, n. 17, 2013. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/confins/12414>>. Acesso em: 19 maio. 2025.

MORAIS, Ird; DANTAS, E. M. *Região e capital social: a reinvenção do Seridó Potiguar nos fios silenciosos da cultura*. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE DESENVOLVIMENTO REGIONAL, 3., 2006, Santa Cruz do Sul. Anais [...]. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2006.

Por uma outra globalização. Santos, Milton. 2000.

SANTANA, Joelton Duarte de. **Língua, cultura e identidade: a língua portuguesa como espaço simbólico de identificação no documentário: Língua - vidas em português**. Linha D'Água, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 47–66, 2012. DOI: 10.11606/issn.2236-4242.v25i1p47-66. Disponível em: <https://revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37367>.. Acesso em: 22 maio. 2025.

SHISITO, A. A; COGUETO, J. V. **Formação Territorial da Região Nordeste do Brasil: uma perspectiva espacial, ideológica e política.** Disponível em: <https://web.letras.up.pt/xiicig/comunicacoes/129.pdf>.

VITTI, S. C. de A. **A LÍNGUA COMO ELEMENTO CONSTITUTIVO DA IDENTIDADE E CULTURA**. REVISTA FOCO, [S. l.], v. 17, n. 6, p. e5201, 2024. DOI: 10.54751/revistafoco.v17n6-047. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/5201>. Acesso em: 22 maio. 2025.



XXVIII Encontro Estadual de Geografia do Rio Grande do Norte – EGEORN
Geografia Potiguar: Dinâmicas Territoriais e Desafios Contemporâneos
08 a 11 de outubro de 2025, UFRN – Campus Central, Natal - RN
